

Concepções e historicidade sobre o surgimento do *design* em Manaus e na UFAM

Conceptions and historicity about the emergence of design in Manaus and UFAM

VAZ, Greice Rejane Moraes; doutoranda em Design; Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e Universidade Federal do Amazonas
greice.rmv@gmail.com.br

SILVA, Célia Maria Carvalho da; doutora em Biotecnologia; Universidade Federal do Amazonas
ccarvalho@ufam.edu.br

Vaz, Wander-lãan Moraes Vaz; graduando em Letras; Universidade do Estado do Amazonas
wanderlaanvaz@gmail.com

A história do *design* em Manaus tem sua importância descrita e estampada nos vários campos de trabalho da capital amazonense desde a institucionalização do curso Desenho Industrial, hoje *Design*, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), verificando-se, portanto, a absorção de egressos graduados pela Instituição em diversos setores produtivos manauara. Para entender esse percurso histórico, este artigo instiga reflexões sobre as proposições efetuadas no referido curso, a partir do ano de 2007. Para isso, procedeu-se uma pesquisa bibliográfica e documental. Pelos estudos empreendidos, percebeu-se a necessidade real de mudanças efetivas na estrutura organizacional, administrativa, pedagógica e curricular no curso para que houvesse sua atualização, incluindo a modificação em sua nomenclatura, a reformulação do plano de qualificação docente e as melhorias da estrutura física de seus espaços acadêmicos e administrativos.

Palavras-chave: Processo histórico; Curso Design; Matriz Curricular.

The history of design in Manaus has its importance described and stamped in the various fields of work in the Amazonian capital since the institutionalization of the Industrial Design course, today Design, at the Federal University of Amazonas (UFAM), thus verifying the absorption of graduates graduated by the Institution in several productive sectors in Manaus. In order to understand this historical course, this article instigates reflections on the propositions made in that course, from the year 2007. For this, a bibliographic and documentary research was carried out. From the studies undertaken, it was noticed the real need for effective changes in the organizational, administrative, pedagogical and curricular structure of the course so that it could be updated, including the modification of its nomenclature, the reformulation of the teacher qualification plan and improvements in the physical structure of its academic and administrative spaces.

Keywords: *Historical process; Design Course; Curriculum.*

1 Introdução

O design é uma área de relevância para os setores sociais e produtivos de uma sociedade, isso porque, como Wilde (2020) afirma, o *design* e os *designers* contribuem, de forma aprofundada, para “moldar” o nosso mundo, assim como as pessoas que nele vivem, além do mais, parafraseando Friedman (2005), o *design* hoje em dia está “achatado, planejado e interligado” ao mundo (cenário globalizado), porque o *design* sempre foi, e é até hoje, considerado essencial nas atividades industrial e comercial (bens e serviços) da sociedade e, em Manaus, no estado do Amazonas, essa realidade não é diferente.

No caso, especificamente, da capital manauara, concretamente, pode-se afirmar que na área do design, a ZFM e o seu Polo Industrial podem ser considerados responsáveis diretos pela criação do curso de Desenho Industrial, em 1988, na então Universidade do Amazonas (UA), atualmente, curso de Design.

Devido a sua importância nos contextos acadêmicos, sociais e econômicos, buscou-se neste artigo, que é um recorte da tese de doutorado da primeira autora, intitulada: “Design em Manaus: estudo sobre a inserção e a atuação do designer formado pela UFAM”, compreender e destacar o papel histórico do curso de Design da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), suas ramificações e desafios para *designers* e estudantes desta área de conhecimento, evidenciando-se as proposituras e os escopos delineados ao longo de sua trajetória, em que se solidificou em um apanhado e em uma abordagem de seu legado institucional, em que para isso foi procedida uma pesquisa bibliográfica e uma análise documental, assim, obteve-se conhecimentos relevantes que possibilitou maior familiaridade e embasamento teórico sobre o tema.

2 Ufam: berço do *design* em Manaus

Antes de explicitar a jornada do *design* manauara, é interessante apresentar, de maneira breve, a história de criação da UFAM, em virtude não somente de sua importância para a região Norte, mas por seu legado na criação e na implementação de cursos, que contribuíram no desenvolvimento (intensificado e ampliado) de Manaus e do estado do Amazonas.

Dessa forma, o resgate histórico tem como ponto de partida o período de 1879 a 1913, durante o primeiro Ciclo da Borracha, porque, nessa fase, Manaus era uma das cidades mais modernas do mundo, e passou por transformações significativas em sua infraestrutura. Devido à sua riqueza e às construções inspiradas na arquitetura europeia, a cidade bucólica, de pequeno-burgueses (PÉRES, 2002, p. 23) foi chamada de “Paris dos Trópicos” e de “*Belle Époque*” (1880 - 1910) – representada por segmentos da sociedade local como a Manaus “moderna e civilizada” e uma das principais cidades em termos econômicos do Brasil (SANTOS JÚNIOR, 2013; SÁ, 2012, p. 24). Logo, presume-se que a jornada da capital do Amazonas para o desenvolvimento social, tecnológico, sustentável, econômico e industrial iniciou, historicamente, no fim século XIX e início do século XX.

A cidade se modificou não somente devido ao Ciclo da Borracha. Sá (2012, p. 25) comenta que a emigração de brasileiros (alguns com curso superior), a abertura dos portos, a vulcanização, a invenção do pneu, a indústria automobilística, o projeto pioneiro de urbanização e as empresas estrangeiras, que vieram em busca das riquezas geradas pela borracha (trazendo

tecnologia na administração das concessões dos diversos serviços públicos) também serviram para transformar a capital amazonense.

A fase áurea da extração do látex ocorreu entre os anos de 1901 e 1913, quando foi registrada uma produção de mais 44 mil toneladas de borracha, esse dado é importante porque o Amazonas era responsável por 40% de toda a exportação brasileira (GODOY, 2010, p. 200). Dessa época, Manaus traz um legado histórico significativo para o Brasil: ter sido a primeira cidade brasileira a ser urbanizada, a segunda a ter luz elétrica e a primeira a efetivar o ensino superior no Amazonas e a instituir a primeira universidade, a Escola Universitária Livre de Manaós, criada em 17 de janeiro de 1909. As universidades de São Paulo, do Paraná e do Rio de Janeiro somente viriam a ser criadas posteriormente, em 1911, 1912 e 1920, respectivamente.

Desse modo, em 15 de março de 1910, a Escola Universitária iniciou seus cursos, dirigida pelo Dr. Pedro Botelho, no período de 1909 a 1910. Depois, na gestão do Dr. Astrolábio Passos, de 1910 a 1926, ocorreu a mudança de nome de Escola Universitária para Universidade de Manaós, em 13 de julho de 1913, buscando o comprometimento com o saber, a ciência e a verdade. Ressalta-se que a Faculdade de Direito graduou seus primeiros bacharéis em 1914 (PDI 2016 - 2025/UFAM).

Contudo, como é explicado no Projeto de Desenvolvimento Institucional da UFAM (PDI 2016 - 2025/UFAM, p. 53), “a experiência bem sucedida da primeira universidade brasileira durou somente 17 anos, sendo ela desativada em 1926”, pois

com a crise da borracha que se abateu sobre a Amazônia, e que por consequência atingiu a Universidade de Manaós, seus cursos foram gradativamente sendo desativados, restando o curso da Faculdade de Direito (antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais), que a liga à atual Universidade Federal do Amazonas, sucessora legítima da Escola Universitária Livre de Manaós (DOSSIÊ RP, 2020).

Assim, após ser criada em 12 de junho de 1962, por meio da Lei Federal 4.069-A, a Universidade do Amazonas (UA) teve seu Projeto de Lei publicado em 27 de junho do corrente ano, no Diário Oficial da União. O projeto foi de autoria do deputado federal Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Filho, entretanto, instalou-se como Fundação de Direito Público mantida pela União Federal em 17 de janeiro de 1965 (UFAM, 2020). É importante registrar e ressaltar que a Faculdade de Tecnologia da UFAM (FT/UFAM) foi criada nesse mesmo ano, com o antigo nome Faculdade de Engenharia da UA. E, em 1966, ofertou, inicialmente, o curso de Engenharia Civil, começando suas atividades letivas (BRITO, 2009).

É interessante observar que, em 1968, a Zona Franca de Manaus (ZFM) ‘saía do papel’, criando a necessidade de mão de obra qualificada para as futuras indústrias transnacionais que seriam instaladas em Manaus. Nesse mesmo ano, a Universidade do Amazonas iniciou uma nova estrutura, incorporando e consolidando seus antigos cursos, como da Faculdade de Direito, remanescente da Universidade de Manaós, e as faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, Ciências e Letras, unidades isoladas de ensino superior, criadas e mantidas pelo estado e ampliando-a com a implantação de novos cursos, como os da Faculdade de Estudos Sociais, Faculdade de Filosofia, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia. À essa estrutura, juntou-se, por doação do desembargador André Vidal de Araújo, o patrimônio da Escola de Serviço Social de Manaus. Assim, era dado um novo impulso e fôlego para o desenvolvimento econômico e social da região amazônica, especialmente para Manaus, que já havia passado por momentos críticos devido ao declínio dos ciclos da borracha.

No fim dos anos de 1990, outra unidade de ensino superior incorporou-se à estrutura da UFAM, a Escola de Enfermagem de Manaus, anteriormente mantida pela Fundação Serviços Públicos de Saúde (FSesp), do Ministério da Saúde (UFAM, 2020; DOSSIÊ RP, 2020).

De acordo com o PDI 2016 - 2025/UFAM, em 2002, por meio da Lei Federal n.º 10.468, de 20 de junho, foi estabelecido que a Universidade do Amazonas (UA) passaria a ser denominada Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para que a população não tivesse dúvidas quanto ao tipo de universidade pública; a ideia foi dar mais clareza à sociedade, sendo o autor do projeto o senador José Bernardo Cabral. Nessa época, a missão da UFAM era “Cultivar o saber em todas as áreas do conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, contribuindo para a formação de cidadãos e o desenvolvimento da Amazônia”. Hoje, a missão foi aprimorada para atender ao Planejamento Estratégico de 2016 a 2025, cuja nova redação é “Produzir e difundir saberes, com excelência acadêmica, nas diversas áreas do conhecimento, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, contribuindo para a formação de cidadãos e para o desenvolvimento da Amazônia” (PDI UFAM 2016 - 2025, p. 30). Para isso, a UFAM oferece à população cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*, credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e *lato sensu* nas diferentes áreas do conhecimento.

É pertinente registrar que as novas tecnologias, a inovação, a geração de emprego, as expectativas de crescimento econômico para a população do Amazonas, e sua capital Manaus, bem como a nova reestruturação das formas de produção em grande escala, deram um impulso direto para a criação de novos cursos, e isso fez com que a antiga Faculdade de Engenharia precisasse se adequar à essa nova realidade. Já havia a perspectiva de introdução de novos cursos de graduação, sendo assim, foi preciso extinguir a Faculdade de Engenharia para dar lugar à Faculdade de Tecnologia (FT), instituída por meio do decreto n.º 66.810, de 1970.

Nos anos de 1976 e de 1988, a FT criou os cursos de Engenharia Elétrica e de Desenho Industrial, respectivamente. Mais tarde, os cursos de Engenharia da Computação e Engenharia de Produção, ambos em 2003 (FT, 2020). Os cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia de Materiais e Engenharia de Petróleo e Gás foram criados em 2010, a partir do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Isto posto, é pertinente afirmar que a ampliação da UFAM foi sem dúvida um fator que contribuiu para uma transformação efetiva da sociedade amazonense, que sempre padecia por falta de investimentos públicos, especialmente de infraestrutura urbana básica, habitação, empregos, educação etc. No passado, fez-se necessário que as diversas faculdades que integravam a Universidade introduzissem novos cursos para atender à crescente demanda da população e do setor produtivo, como foi o caso da Faculdade de Tecnologia, que expandiu e diversificou os cursos, além de aumentar a quantidade de vagas ofertadas anualmente.

Em vista disso, pode-se conjecturar que a UFAM assumiu um desafio inovador quando implantou o curso de Desenho Industrial, como o professor Linaldo Cavalcanti¹ explanou em entrevista para a revista T&C Amazônia (2005, p. 4): “Poucas universidades públicas ofereciam cursos de *design*. Difícil aceitar que um curso tão importante não existisse em universidades

¹ Engenheiro civil, ex-reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (1976). Foi presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Participou dos programas de Design e da criação do curso de Desenho Industrial da UFAM, em 1987 (T&C do Amazonas, ano 3, número 7, julho de 2005).

estaduais e federais, mesmo que vinculado às engenharias, arquitetura e artes”. Por isso, podemos conjecturar que ela foi pioneira em inserir o *design* em Manaus, a contar do início da primeira turma do curso de Desenho Industrial, em 1988. Os docentes da época compreenderam a importância do *design* para a região e foram os alicerces que consolidaram o curso durante os anos iniciais, começando assim uma empreitada estratégica por meio da coordenação de ações institucionais coletivas (BRAGA, 2014). Na visão de docentes do curso, o pioneirismo deu certo, mesmo com todas as dificuldades iniciais, como explanado por Braga (2014), ou seja, para suprir a falta de professores com formação específica na área de *design* em Manaus, foi firmado um convênio entre a UFAM e a UFRJ, em 1992, para que os acadêmicos tivessem a oportunidade de cursar disciplinas do curso de Desenho Industrial na UFRJ, enquanto o quadro docente não estava estabelecido na UFAM.

Foi pioneiro ao ser o primeiro curso da região Norte, tendo seu reconhecimento *in loco* pelo MEC, em 1997, pela Portaria n.º 219, de 06/03/1998. Foi pioneiro também ao ofertar quatro cursos de pós-graduação em nível *lato sensu*: *Design* de Produtos em Madeira (1995); *Design*, Propaganda e Marketing (1997); Ergonomia (2004) e *Design* de Interiores (2007); e ter, atualmente, ofertado o curso de Mestrado Profissional em *Design*, desde 2017. Fato importante, isso porque, como foi observado, em 2014, no estudo ‘Diagnóstico do *design* brasileiro’, elaborado pelo Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, por meio da Secretaria do Desenvolvimento da Produção (MDIC), a região Norte não possuía nenhum curso *stricto sensu* na área do *design*: “Ao se analisar a concentração por regiões geográficas brasileiras, visualiza-se que os cursos estão distribuídos da seguinte forma: 41% na região Sudeste; 37% na região Sul; 18% na região Nordeste; 4% na região Centro Oeste.” (MDIC, 2014, p. 107).

Uma questão que devemos levar em consideração é de que anos depois de iniciada a primeira turma de Desenho Industrial em Manaus, foi criado o Programa Brasileiro de *Design* (PBD), pelo Decreto s/n.º 09/11/1995, que teve como objetivo inserir o binômio *design* e a inovação no sistema produtivo, dando um novo impulso ao *design* nacional e ao amazonense. Lobo Junior nos revela que, de 1996 a 1999, o PBD desenvolveu várias ações buscando solidificar essa área no Brasil, tais como:

- pesquisa do estágio da gestão do *design* na indústria brasileira;
- instituiu o Dia Nacional do *Design*;
- criou o Prêmio CNI Gestão do *Design*, o Prêmio *Ecodesign*, o Salão *Design* Brasil, o Guia de Informação em *Design* e o Manual *Design* e Sua Proteção Legal;
- criou também os núcleos de apoio do *design* e projetos setoriais (móveis, têxtil, vestuário, brinquedos, gemas e joias, calçados, automotivo, cerâmica de revestimento e embalagem) (LOBO JUNIOR, 2017, p. 36).

É certo que os esforços empreendidos pelo PBD possibilitaram oportunidades para que *designers* e instituições vinculadas a ele desenvolvessem e promovessem diversos projetos, discussões e eventos. Dessa forma, em agosto de 1997, foi realizada a exposição Primeiros Frutos e a Primeira Semana de *Design*, intitulada “*Design*: uma questão de conhecimento”. A exposição ocorreu no *show room* do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Amazonas (Sebrae/AM), que teve por objetivo apresentar, pela primeira vez, os trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos e profissionais do curso de Desenho Industrial da UFAM. A Semana de *Design* teve abertura e encerramento no Parque do Mindu, as palestras realizadas no auditório do Sebrae/ AM e as oficinas práticas desenvolvidas no espaço da Faculdade de Tecnologia da UFAM. Na ocasião, o professor Lynaldo Cavalcante, mentor do curso, foi um dos palestrantes.

Além dessas ações iniciais, o curso de *Design* da UFAM almeja e busca sempre o fortalecimento de suas ações, criando elos, não somente com a comunidade universitária, mas também com a sociedade em geral. Para isso, os docentes apresentam, comumente, os resultados de suas disciplinas para a sociedade por meio de desfiles de moda, exposições fotográficas, de produtos, de *design* de superfície e ainda por meio das semanas acadêmicas e dos ciclos de palestras nacionais e internacionais.

Por outro lado, entendemos que essas atividades ainda são insuficientes, se comparadas com ações mais contundentes de outros estados do Brasil e, principalmente, com as de outros países, uma vez que a condição brasileira, especialmente a de Manaus, está muito distante da realidade de países como a Coreia do Sul e o México. Prova disso são as próprias mudanças realizadas pelo antigo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre o PBD, como explica Lobo Junior

Infelizmente, as ações do programa foram perdendo força no fim de 1999 devido às mudanças políticas no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, nas quais o PBD perdeu o *status* de departamento e se tornou uma ação do Departamento de Políticas de Competitividade Industrial da Secretaria de Desenvolvimento da Produção. Posteriormente, o programa foi inserido na Coordenação de Energias Renováveis e Sustentabilidade (LOBO JUNIOR, 2017, p. 36).

Entretanto, o *designer* sempre tem um papel importante a ser desempenhado na sociedade. Essa afirmação é comprovada em livros como *Historia del diseño em América Latina y el Caribe*, de Silvia Fernández e Gui Bonsiepe, que reconhecem o *design* como força propulsora para o desenvolvimento, uma vez que esse profissional pode contribuir em vários contextos e espaços da sociedade, desde que haja interação entre o *design* e as demais áreas do conhecimento. Para isso, basta que o *design* e o *designer* brasileiro, especialmente o de Manaus, sejam vistos como elementos indispensáveis em uma organização e/ou instituição onde se desenvolvam ações e projetos conjuntos para atender demandas e necessidades das pessoas.

Por essa razão, a UFAM, por meio de seus servidores (docentes e técnicos), ao longo dos anos, vem intensificando ações de melhorias no curso de *Design* como forma de acompanhar as tendências mundiais. Destaca-se duas ações principais, de acordo com Braga

Mudança na nomenclatura do curso que passou de Desenho Industrial para *Design*, regulamentada por meio da Resolução n.º 15/2007, do CONSEPE, passando a ser divulgada em seus editais de processo seletivo, pois, em âmbito nacional, o termo *Design* já era adotado também na Resolução n.º 5 CNE/CES, de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em *Design*.

A unificação das duas habilitações – Programação Visual e Projeto de Produto e a implantação de uma estrutura curricular mais abrangente. A nova estrutura do curso de *Design* UFAM foi elaborada com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em *Design* (Resolução n.º 5, de 8 de março de 2004 – CNE/CES) aprovado através das resoluções n.º 016/2007 e n.º 017/2007 do CONSEPE (BRAGA, 2014, p. 44).

Verificou-se, então, que o curso adquiriu uma característica mais dinâmica, acompanhando a tendência local, nacional e internacional, como destacou Moraes (2020) em seu artigo

Fenomenologia do *Design*, ao citar um dos primeiros estudiosos europeus a questionar o termo “*design industrial*”, o teórico e filósofo do *design* Branzi assevera que:

O design não é mais aquela atividade voltada à produção em série dos objetos, mas ocupa-se de problemas do habitar, da qualidade e da cultura material, desde o início do design primário e da relação homem/objeto, o mesmo está empenhado em intervir no âmbito da transformação do ambiente artificial [...] Na acepção comum do termo, define-se design industrial como a produção de objetos reproduzíveis industrialmente. Essa definição extremamente linear constitui um erro histórico no debate sobre *design*; ver esta atividade ligada ao projeto como um processo que transforma os objetos existentes em qualquer coisa que possa ser reproduzida em dez... mil... um milhão de cópias, subentende a confusão entre o propósito e o meio do *design* [...] O *design*, então, está no centro de um grande problema geral, em que a indústria é um instrumento, um segmento à disposição, mas não é o único parâmetro de referência (BRANZI, Andrea In: SINOPOLI, Nicola. Op. Cit. 1990, p. 181 - 202 apud MORAES, 2020, p. 15).

Infere-se, então, que essa mudança seria inevitável, visto que permitiu ao futuro *designer* manauara maior adequação ao mercado de trabalho, por meio da facilitação e da compreensão de sua atividade pela sociedade de um modo geral.

Outro ponto positivo que vale destacar são os resultados provenientes do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), que, em 2009, alcançou a nota quatro e, em 2012, alcançou a nota máxima de cinco. A última nota do Enade para o curso é quatro, segundo informações do e-MEC 2022. Isso demonstrou, à época, e atualmente, que as mudanças foram assertivas.

A esse respeito, Braga esclarece que

Diante das realidades percebidas por todos os profissionais, professores, alunos e sociedade, os requisitos e critérios para a Organização Curricular levaram em consideração alguns aspectos importantes da cultura local e da estrutura dos campos de conhecimento do *Design*, considerando as peculiaridades da Região Amazônica (matérias-primas, iconografia, condições climáticas e mão de obra local) (BRAGA, 2014, p. 51).

Assim, para o alcance desses resultados foi fundamental à reestruturação do curso em oito períodos, visto que diminuiu a evasão de alunos, situação que fora detectada anteriormente, devido à longa duração do currículo com 10 períodos (mínimo de cinco anos) e repetição de conteúdos nas disciplinas. A nova estrutura também proporcionou maior flexibilidade para a atualização e a inclusão de conteúdos relevantes para a realidade regional e maior eficiência na relação docente/quantidade de disciplinas ministradas (BRAGA, 2014, P. 48).

3 Reestruturar para evoluir

Considerando que “os desafios globais são vastos, complexos, que atuam de maneira muito diferente, em diversos lugares e para diferentes atores” (WILDE, 2020), e que essas mudanças reconceituaram o *design* (SALINAS-FLORES, 2016) e, ainda por Manaus ser uma metrópole detentora de uma cultura singular e diversa ao mesmo tempo – um lugar diferente no globo –, já seriam argumentos bastantes sólidos para que houvesse uma reestruturação do curso de Desenho Industrial da UFAM, já que estava defasado e havia a necessidade de atualização do

PPC e da matriz curricular, que, em 2006, ainda era a de 1988, e de uma formulação do Plano de Qualificação Docente (contratação de mais professores), além de melhorias para a estrutura física do curso (BRAGA, 2014).

Essa mudança se fez necessária, até para garantir que a sociedade amazonense pudesse conhecer e reconhecer o potencial do *design* como um articulador das diversas áreas do conhecimento que estreita a relação com as artes, o artesanato, a industrialização, a tecnologia, a inovação, a engenharia, dentre outros, além do efêmero, da estética e de modismos, uma vez que o curso precisava se conectar e construir mais relações locais duradouras com o mercado e a sociedade, para que seus futuros egressos pudessem ser inseridos com mais facilidade nesse mercado. Registra-se que, em 32 anos de curso, houve 975 ingressantes e 400 outorgas de grau. Destes, 218 são egressos do curso com a denominação de *Design*, 100 em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual e 82 com habilitação em Projeto de Produto, considerando dados até o ano de 2020².

Desse modo, é importante destacar o resultado da pesquisa contido no PPC *Design* (2007), que embasou e indicou uma mudança mais precisa, no novo PPC e na nova matriz curricular (atual), que fornece informações iniciais relevantes para que se entenda as transformações que ocorreram ao longo do tempo e que deram mais visibilidade ao curso e aos seus egressos.

Essa reflexão se faz essencial em relação à matriz curricular de 1988, pois é relevante que se aborde a questão do ensino do *design* em Manaus, pois, como Tapia-Mendonza (2009, p. 13) atestou, “a instituição e suas escolas têm a obrigação de avaliar se o conteúdo curricular de sua oferta educacional atende à realidade social, econômica, ambiental e trabalhista da região, do país e do mundo”. Além disso, a formação acadêmica deve atender aos anseios, não apenas da sociedade, mas dos acadêmicos e dos docentes, pois “a formação de profissionais responsáveis e competitivos com valores e competências que os permitam tornar-se agentes de mudança para as sociedades contemporâneas é um compromisso iminente do sistema de ensino superior” (TAPIA-MENDONZA, 2009, p. 13).

Destaca-se que, à época, foi constatado que 60% dos egressos entrevistados (na pesquisa citada anteriormente) responderam que atuavam exclusivamente na área de sua habilitação, sendo que 40% dos demais respondentes afirmaram que não desenvolviam atividades exclusivamente em sua habilitação. Ressalta-se que 80% dos entrevistados eram graduados em Projeto de Produto (PPC *DESIGN*, 2007). Esses dados foram importantes porque serviram de balizadores para uma análise com maior precisão das características “do mercado de trabalho para os *designers*”, conforme o PPC *Design* (2007, p. 17). Outra informação relevante disposta no PPC *Design* é que, com o passar dos anos, a absorção desses profissionais pelo mercado local mostrou-se tímida. Na pesquisa, foi demonstrado que: “Com relação ao mercado de trabalho, a maioria dos egressos estava atuando em empresas privadas, sendo que uma parcela significativa estava atuando como autônomo e na docência” (PPC *DESIGN*, 2007, P. 16).

O resultado dessa pesquisa foi primordial, à época, para que os servidores, docentes e técnicos em educação, que já vinham trabalhando desde 2004 em um planejamento estratégico orientados pela Pró-Reitoria de Planejamento da UFAM (Proplan), buscassem realizar melhorias e ajustes pontuais que obedecessem às novas diretrizes curriculares de ensino de graduação e, ao mesmo tempo, atendessem à realidade regional/local, visando a inserir o curso em um contexto mundial, visto que o mundo enfrentava, e enfrenta, novos desafios, como bem expôs Meyer e Norman (2020). Ademais, os *designers* estão desempenhando um

² UFAM - SIE – maio 2020 e <https://design.ufam.edu.br/corpo-docente.html>

papel cada vez mais de destaque, como no gerenciamento dos escritórios de *design* e até mesmo na tomada de decisão sobre as atividades que precisam ser realizadas em toda a empresa/indústria (IBDEM).

Além disso, os servidores envolvidos na reestruturação puderam observar

a necessidade da formação de pessoal com perfil mais abrangente (considerando especialmente a situação no mercado dos egressos da habilitação em projeto de produto) e não precocemente segmentado que possa adequar-se à diversidade de campos de atuação presentes no mercado do estado do Amazonas (PPC *DESIGN*, 2007, p. 17).

Nesse período, a preocupação era atender à realidade local e ampliar os diferentes olhares sobre o *design*, porque, como já expôs Margolin (1989), citado por Cadle e Kuhn (2013, p. 22), o “*design* é tanto uma expressão de sentimento quanto uma articulação de razão; é uma arte e também uma ciência, um processo e um produto, uma afirmação de desordem e uma exibição de ordem” (*tradução nossa*).

Nesse contexto, e em função dos desafios futuros que os egressos do curso poderiam ter em relação ao mercado competitivo e globalizado e, devido principalmente a uma matriz curricular desatualizada frente às atuais necessidades da profissão, deu-se início à reestruturação do curso de Desenho Industrial, com base nas recomendações propostas pelos avaliadores do Ministério da Educação (MEC).

Assim, em 2007, houve a substituição do nome do curso de Desenho Industrial para *Design* no novo Projeto Pedagógico do curso de Desenho Industrial da UFAM. Segundo o PPC *Design* (2007), o termo antigo, apesar de correto, trouxe algumas dificuldades na compreensão de sua atividade, principalmente por parte dos estudantes que procuravam o curso da UFAM, pois esses desconheciam o teor da graduação e expressavam uma associação da nomenclatura desenho industrial com atividades voltadas à engenharia de processos industriais. Depara-se com essas evidências ou confusões em *sites* que abordam o tema ‘carreiras e profissões’, como o guiadacarreira.com.br³. Outra questão diz respeito à inserção do egresso no mercado de trabalho, pois o termo *design* é mais comum.

É necessário registrar, ainda, que um dos argumentos mais fortes para atender a essa realidade local era a atualização e a inclusão de conteúdos relevantes que atendessem também à realidade regional, tendo como base conteúdos (gerais e específicos) mais atualizados. Nesse ínterim, é interessante ressaltar o quantitativo de empresas (micro, pequena, média e grande porte) existentes em Manaus. São mais de 128⁴ mil nos setores de serviços e de comércio e, aproximadamente, 479 no setor de indústria (médio e grande porte), de acordo com os dados da Suframa (2020). Destaca-se que a Focus *Design* Marketing S/S Ltda. ocupa a 38.ª posição no *ranking* das 50 maiores empresas de Manaus, considerando o capital social (ECONODATA, 2021).

4 Reflexões sobre a matriz curricular de 2007

Evidencia-se que, até 2007, o curso de *Design* da UFAM adotava a divisão convencional entre as habilitações de projeto de produto e programação visual e possuía a duração de 10 períodos (cinco anos). A partir de 2008, na nova estrutura curricular, o curso teve o tempo de

³ Portal que oferece ao estudante informações sobre profissões, carreiras (empregos), cursos, testes vocacionais etc.

⁴ Dados obtidos no *site* <https://www.econodata.com.br/lista-empresas/AMAZONAS/MANAUS>.

conclusão reduzido para oito períodos (4 anos) e passou a trabalhar com a concepção que seguiu modernas linhas do ensino de graduação em *Design*, respeitando as diretrizes nacionais estabelecidas pelo MEC para a graduação nessa área (BRAGA, 2014).

Deve-se registrar que, quando o curso foi criado, prevalecia ainda o currículo mínimo da grade curricular Desenho Industrial de 1987, e sua revisão para uma nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ocorreria somente em 2004. Ferreira (2018), citando Bomfim (1997), observou que a versão do currículo publicada em 1987 foi, na verdade, proposta em 1979, ou seja, naquele momento, o currículo tinha quase 20 anos de existência e, desde sua concepção, diversas áreas passaram a fazer parte do cotidiano do *designer*. A exemplo, cita-se as ponderações de Salinas-Flores (2016) sobre as recentes formas que os *designers* abordam as novas áreas de trabalho no século 21, tais como *design* emocional, participativo, interação, experiência etc., especialmente hoje, quando a relação entre os seres humanos e os objetos/serviços parecem cada vez mais próximas e, como assevera o autor, são reflexos das mudanças que estão ocorrendo.

Assim, embasado em Ferreira (2018) e nas informações obtidas por meio das análises das matrizes de Desenho Industrial (1988) e *Design* (2007), percebe-se claramente que a mudança e a atualização das disciplinas permitiram:

- Elaborar uma abordagem mais global em relação aos conteúdos, produzindo em parte mais conhecimentos e, assim, criando melhores oportunidades no mercado;
- Incluir o *design* em um vasto campo de atuação e áreas para atender/satisfazer os anseios cada vez maiores dos consumidores/sociedade;
- Melhorar a visão da função do *designer* para os ingressantes no curso e para a sociedade;
- Proporcionar uma abordagem mais no processo do *design* do que no próprio produto, como Friedman (2016, p. 34) declarou que, ao utilizar a palavra '*design*', implica referir-se "ao processo que envolve a criação de algo novo (ou a reformulação de algo já existente) para um propósito, atender a uma necessidade, resolver um problema ou transformar uma situação pouco desejável em uma mais favorável".

Como exemplo, julga-se pertinente citar as mudanças nas disciplinas de Fotografia II e III, da matriz de 1988, que faziam parte do rol das disciplinas obrigatórias para os acadêmicos da habilitação de PV, enquanto era opcional para os acadêmicos de PP. O que amplia o campo de uma reflexão preliminar: Será que os conhecimentos mais aprofundados (articulação entre teoria e prática), em Fotografia, deveriam ser direcionados apenas aos acadêmicos da habilitação de PV, uma vez que essa atividade é vinculada à profissão do *designer*, não importando a habilitação ou área de atuação escolhida (*webdesign*, *design* de interiores, *design* gráfico, *design* de produto, *design* de embalagens, *design* editorial, *design* de moda etc.)?

É deveras ressaltar que, nas duas matrizes, a área de gestão e empreendedorismo não é contemplada como disciplina específica. Porém, isso torna-se relevante a partir do momento em que no ENADE, de 2009, o curso alcançou nota máxima, visto que, de acordo com Pissetti (2018), as quatro últimas provas do ENADE tiveram 22 questões de múltipla escolha e três questões discursivas relacionadas a esse componente específico, ou seja, essas informações podem ser um exemplo favorável à nova estrutura curricular, atestando que os conteúdos dessa subárea estão sendo abordados dentro dos demais conteúdos das disciplinas da matriz. Outra observação pertinente à matriz de 2007 é em relação à introdução da disciplina *Ecodesign*, visto que a abordagem da questão ambiental em *design* hoje em dia é

fundamental, isso porque “a ecologia e o equilíbrio ambiental são os esteios básicos de toda a vida humana na Terra”, como afirmou Papanek (1995, p. 31). O autor explica que “o *design* preocupa-se com o desenvolvimento de produtos, utensílios, máquinas, artefactos e outros dispositivos, e esta actividade exerce uma influência profunda e direta sobre a ecologia” (PAPANEK, 1995, p. 31).

Wilde (2020) cita a conclusão do relatório da UNESCO, de 2018, sobre questões e tendências em educação para o desenvolvimento sustentável, em que afirma:

se quisermos alcançar o desenvolvimento sustentável, os indivíduos devem aprender a compreender as complexidades, incertezas, compensações e riscos relacionados aos desafios de sustentabilidade globais e locais. Eles devem se tornar 'cidadãos da sustentabilidade'...[que] participam de processos sócio-políticos, movendo suas sociedades em direção ao desenvolvimento sustentável (WILDE, 2020, p. 181, tradução nossa).

A autora (2020) esclarece ainda que a sustentabilidade é um imperativo fundamental do *design*. Nesse contexto, entende-se o quanto é importante que o *designer* busque transformar a sociedade por meio de processos criativos e de tecnologias que possibilitem o desenvolvimento de produtos arrojados, funcionais, esteticamente agradáveis, além de ser sustentáveis. Até porque a pauta ou reflexões acerca do tema sustentabilidade hoje em dia são indispensáveis e primordiais para que o *designer* saiba lidar com as constantes mudanças e incertezas pelas quais o mundo vem passando ao longo do tempo.

Assim, buscando melhor qualidade de ensino no curso, pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais, foram introduzidas também as disciplinas Tipografia, Estudo da Embalagem e *Design* de Superfície que, do ponto de vista das habilidades e das competências (saber fazer), mostra uma perspectiva mais abrangente para o futuro *designer* egresso da UFAM, uma vez que seus conteúdos auxiliam e capacitam esse profissional a desempenhar melhor suas atividades e com mais segurança no mercado.

Essa afirmação está embasada em autores como Bonsiepe (1997), Maldonado (2007), Friedman (2003) e Mizanuk *et al* (2013), quando expõem, respectivamente, que:

- o *design* consiste na melhoria da qualidade de uso do produto, da forma de um novo produto, do seu processo de fabricação, da sustentabilidade ambiental e social, da forma de acesso a um produto socialmente inclusivo, da aplicação de novos materiais e da qualidade estética.
- o *design* é uma atividade criadora, cujo objetivo é determinar as qualidades formais dos objetos que a indústria produzirá, levando em consideração não somente os aspectos externos, mas principalmente as relações estruturais e funcionais que convertem um sistema em uma unidade coerente, tanto do ponto de vista do fabricante como do consumidor.
- o campo do *design* esteve associado à arte e ao artesanato, que foi transformando-se em uma “disciplina industrial” e está tornando-se uma “disciplina generalizável que pode ser (...) aplicada tanto em processos, interfaces entre mídias ou artefatos de informação quanto em ferramentas, roupas, móveis ou propagandas”.
- o *design* existe eminentemente como uma atividade, mesmo que possamos usar o termo também para nos referirmos ao resultado

dessa atividade, pois, como toda atividade, o *design* tem um objeto: a forma aparente ou aparência. Com base neste pensamento, os autores formulam uma definição “provisória” para o *design*, ou seja, é “uma atividade que atua sobre as formas (ou aparências) das coisas, com o objetivo de trabalhar seu papel de mediadoras das relações entre humanos e coisas, e das relações dos humanos entre si e consigo mesmos através das coisas”.

5 Considerações

Manaus, desde os tempos áureos da borracha e da criação da Zona Franca de Manaus (ZFM), vivencia promessas de melhorias, não somente com condições de vida melhor para a população por meio da geração de empregos, mas com promessas de desenvolvimento e de integração da Amazônia ao restante do país. Assim, com esse discurso de melhor qualidade de vida, a cidade sofreu uma explosão demográfica advinda da chegada de milhares de pessoas do interior do estado do Amazonas, de estados vizinhos, também situados na região Norte, e de outras partes do Brasil, em busca de oportunidades.

Na década de 1980, porém, a cidade mais uma vez presenciou intenso processo de migração, devido ao início da manufatura de produtos das primeiras indústrias instaladas na Zona Franca de Manaus (ZFM), atual Polo Industrial de Manaus (PIM), a partir de 1971. Nessa época, havia, com certeza, emprego em abundância, tanto nas fábricas propriamente ditas, como na construção de enormes galpões e prédios onde elas passariam a operar, além de empresas fornecedoras de insumos e serviços terceirizados que se instalavam na capital amazonense.

Nessa efervescência, surgiu também, em 1988, o curso de Desenho Industrial na UFAM – na nova nomenclatura, hoje é o curso de *Design* – para qualificar trabalhadores na área para atuarem nas indústrias multinacionais e transnacionais instaladas no PIM. Pelo menos, essa foi a ideia inicial. Entretanto, é válido lembrar que a maioria dessas indústrias tinha a incumbência de apenas montar seus produtos, porque já vinham pré-fabricados de suas matrizes e, ainda, todas as atividades de pesquisa e desenvolvimento eram realizadas também nas matrizes. Dessa forma, constatou-se, bem rapidamente, a tímida absorção desses profissionais por parte das indústrias do PIM, e de que essas empresas não contratariam a mão-de-obra qualificada que o curso de Desenho Industrial iria formar nos anos seguintes.

Assim, os *designers* egressos da UFAM, principalmente da área de Projeto de Produtos, passaram a procurar alternativas em outros setores em crescimento em Manaus, como indústria moveleira, consultorias, desenvolvimento de projetos em centros de pesquisa e docência no ensino superior (BRAGA, 2014).

Contudo, com um mercado globalizado e cada vez mais competitivo, acompanhado das novas tecnologias e inovações, há exigência de profissionais cada vez mais capacitados e preparados para as demandas atuais e futuras. Diante disso, buscando acompanhar a evolução e a transformação do curso de Design que em 2007, foi reestruturado para que seus egressos pudessem ter mais chances de serem inseridos no mercado de trabalho com mais conhecimentos que a área passou a exigir.

Ao que tudo indica, até o presente momento, os docentes e os egressos do curso de Design são constantemente confrontados com a realidade que os cerca, principalmente por Manaus possuir um isolamento, uma barreira natural em relação às demais capitais e/ou centros urbanos mais desenvolvidos do país, devido à sua localização geográfica, cercada

pelos rios Negro e Solimões. Em razão disso, se comparado ao eixo sul-sudeste, parece que a cidade está atrasada em alguns quesitos, em especial, se pensarmos nas inúmeras possibilidades que o *design* pode trazer para a sociedade, especialmente hoje em dia que está mais evidente a importância dos cursos da área de *design* nas universidades federais brasileiras, que por meio de suas ações, seus projetos e seus programas buscaram alternativas que podiam minimizar os problemas causados pela pandemia de Covid-19, que atingiu todo o mundo no início de 2020, a exemplo.

Paradoxalmente a esse cenário, em oposição a essa situação citada anteriormente, do ponto de vista institucional, o curso de *Design* da UFAM se empenhou em dar condições para que seus discentes possam interagir com a tecnologia e suas constantes mudanças, explorando-as com a criatividade inerente ao desempenho de suas atividades profissionais dentro da sociedade. Dessa forma, a visão dos discentes e egressos passa a ser mais abrangente sobre o campo do design, visto que “a resposta do design deve ser positiva e *unificadora*; deve ser a ponte entre as necessidades humanas, a cultura e a ecologia” (PAPANÉK, 1995, p. 31, grifo do autor). Trata-se, portanto, de evolução, aprendizagens e transformações que, em tão pouco tempo, o Curso de Design da UFAM teve oportunidade de vivenciar com seus poucos mais de 30 anos, mantendo as referências do passado sem esquecer do futuro, pois as experiências vividas servem para compreender o presente e imaginar como será o futuro.

Assim, pode-se afirmar que as mudanças na matriz curricular do Curso foram assertivas e que os primeiros passos rumo a uma nova história foram dados, para que o *design* manauara realmente possa atender a um leque inusitado de cenários, necessidades e interesses distintos de organizações e de pessoas diante do seu vasto escopo de complexidade e da subjetividade de suas definições e de suas características distintas na cidade de Manaus.

6 Referências

- BONSIEPE, Gui. **Design, do material ao digital**. Florianópolis, SC. FIESC, IEL, 1997.
- BRAGA, Patrícia dos Anjos; RUSCHIVAL, Claudete Barbosa; MOTA, Sheila Cordeiro (org). **Design UFAM: 25 anos**. Manaus: Rego Edições, 2014.
- BRITO, Rosa Mendonça de. **100 anos UFAM**. Manaus: EDUA, 2009.
- CADLE, Bruce e KUHN, Simon. *Critical design as critique of the design status quo*. **Design Education Forum of Southern Africa**. Disponível em <<https://www.defsa.org.za/sites/default/files/downloads/2013conference/B%20Cadle%202013%20DEFSA.pdf>>. Acessado em 19/08/2020.
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FERREIRA, Eduardo Camillo K.. BRAGA. **O currículo mínimo de Desenho Industrial de 1969 e 1987: origem, constituição, história e diálogo**. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-24092018-101650/publico/MEduardocamillokaspereviciisferreira_rev.pdf>. Acessado em 28/07/2021.
- FRIEDMAN, Ken. Construção de teoria na pesquisa de design: critérios, abordagens e métodos. **Arcos Design**. Rio de Janeiro, V. 9 N. 2, Dezembro 2016, pp. 31-64. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>>. Acessado em 25 de fev de 2019.
- FRIEDMAN, Ken. Theory construction in design research: criteria, approaches, and methods. **Design Studies**, v. 24, n. 6, p. 507-522, nov 2003. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0142694X03000395>>. Acessado em 01/03/2018.

FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano**: Uma breve história do século XXI. Tradução Cristiana Serra e S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GODOY, Paulo R. Teixeira de., org. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 289 p. ISBN 978-85-7983-127-0.

História da UFAM. Disponível em: <<https://dossierp.wordpress.com/1909/01/12/historia-da-ufam/>>. Acessado em 18/01/2021.

História. Disponível em: <<https://ufam.edu.br/historia.html>>. Acessado em 18/01/2021.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha**: A selva, Beiradão e o Amante das Amazonas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

LOBO JUNIOR, Marco Aurélio. **Design para a Competitividade no Brasil**: o caso do Projeto Export. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade de Brasília, 2017.

MARGOLIN, Victor. **Design para o desenvolvimento: mapeamento do contexto**. In. PATROCÍNIO, Gabriel e NUNES, José Mauro. **Design & desenvolvimento**: 40 anos depois. São Paulo: Blucher, 2015. 264 p.: il.

MIZANZUK I.; PORTUGAL, D. B.; BECCARI, M.. **Existe Design? Indagações filosóficas em três vozes**. Teresópolis, RJ: 2AB Editora, 2013.

PAPANEK, Victor. **Arquitetura e Design: Ecologia e Ética**. Edições 70. Lisboa, Portugal, 1995.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes. O ENADE do curso de bacharelado em Design: conteúdos específicos. **13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Univille, Joinville (SC) 05 a 08 de novembro de 2018. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2018/2.1_ACO_14.pdf>. Acessado em 17/01/2022.

SÁ, Jorge Francisco de. **Manaus**: higiene, meio ambiente e segurança do trabalho na época áurea da borracha. Manaus: Edua, 2012.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal-RN, 2013.

TAPIA-MENDOZA, Angélica Berenice. Estudio del mercado laboral del diseño industrial. **Legado de Arquitectura y Diseño**, [S.l.], v. 4, n. 5, p. 13-30, ene. 2020. ISSN 2448-749X. Disponível em: <<https://legadodearquitecturaydiseno.uaemex.mx/article/view/13775>>. Acessado em 03/11/2020.

WILDE, Danielle. Design Research Education and Global Concerns. **She Ji The Journal of Design, Economics, and Innovation**. Vol. 6, No. 2, Summer 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2020.05.003> e <<http://www.journals.elsevier.com/she-ji-the-journal-of-design-economics-and-innovation>>. Acessado em 15/08/2020.